

## CAROLINA MARIA DE JESUS: DA MARGINAL AO NEGRO DRAMA

### CAROLINA MARIA DE JESUS: FROM THE EDGE TO THE BLACK DRAMA

**Tiago R. Ramos\***

#### RESUMO

O artigo, ao problematizar o processo de formulação e circulação de memórias, analisa o processo de elaboração de memórias acerca da trajetória da escritora Carolina Maria de Jesus (1914-1977), objetivando compreender dinâmicas e articulações discursivas através dos quais se produz um lugar dentro da história literária brasileira no qual Carolina é inscrita e pelo qual é lembrada. Amparadas, principalmente, pelos pressupostos da análise de discurso de linha francesa, as reflexões apontam para a existência de articulações que criam um espaço de marginalização e um espaço de dramatização no qual a trajetória da escritora é inscrita.

**Palavras-chave:** Memória. Análise do discurso. História literária.

#### ABSTRACT

The article analyzes the process of memories' elaboration about the trajectory of the writer Carolina Maria de Jesus (1914-1977) through the process of memories' formulation and circulation. The aim is to understand the discursive dynamics and articulations through which it takes place within the Brazilian literary history, in which Carolina is enrolled and for which she is remembered. Backed primarily by assumptions of discourse analysis of the French line, the reflections point to the existence of joints that create a space of marginalization and a space of drama in which the trajectory of the writer is enrolled.

**Keywords:** Memory. Discourse analysis. Literary history.

\* Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), graduado em Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário de Maringá (UniCesumar). Mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Atualmente professor e coordenador do curso de Publicidade e Propaganda da União das Faculdades Metropolitanas de Maringá (UNIFAMMA). E-mail: tibobster@yahoo.com.br

## Introdução

A identidade é sempre um projeto social. Constitui-se de diversos elementos que permitem a elaboração de um sentimento de diferenciação em relação a outros seres, formula uma noção de pertencimento a determinado grupo, criando uma direção e um sentido comum para as ações sociais dos indivíduos. Há várias maneiras de elaborar a identidade e distintos são os processos através dos quais ela é formulada.

Como afirma Araújo (1997, p. 197), a identidade social possui um caráter flexível, plural e adaptável. É um processo dinâmico, influenciado por diferentes variáveis: sociais, étnicas, geográficas, demográficas, políticas. Independentemente do caráter, essas variáveis são sempre contextuais, produzidas dentro de condições históricas estabelecidas, e interferem na maneira como construímos o relato dessa história.

Uma das dinâmicas que influencia o processo de construção das identidades sociais diz respeito à forma como a memória é produzida. A memória coletiva pode ser entendida como um dos substratos que contribui para a existência de um sentimento de pertencimento. Formulando narrativas que criam uma história em comum a partir de eventos muitas vezes individuais e particulares, a memória coletiva permite a elaboração de signos representativos, que irão retratar de modo ideal o grupo, seus valores, suas práticas e cosmovisões. A memória constitui o terreno simbólico sobre o qual a identidade do grupo se formula. Assim como um mesmo terreno pode ter vários usos, a memória pode ser articulada na vida social de diversas maneiras. São os atores e os contextos sociais que delimitam a maneira como a memória pode ser formulada e utilizada.

É por isso que a memória constitui um espaço estratégico de lutas, pois elabora um sentido para o passado, permitindo a orientação das ações no presente e projetando os objetivos do futuro<sup>1</sup>. Diferentes atores e instituições sociais rivalizam no sentido de estabelecer o sentido legitimado e legitimador da memória, ou seja, lutam pela conquista do discurso que irá estabelecer um determinado sentido para os

eventos passados, presentes e futuros, podendo consolidar ou desestabilizar hegemonias.

Aqui, objetivamos explicitar as dinâmicas pelas quais o processo de formulação de memórias se constitui como uma arena de conflitos pelo direito à fala legítima e legitimadora. Problematizamos o papel que a mídia, como instituição que interfere na constituição e na circulação dos sentidos, a partir de silêncios e visibilidades, ditos e não ditos, exerce nesse processo; e as consequências dessas configurações nas lutas simbólicas e materiais dos atores sociais pela constituição de identidades coletivas.

Analisando os processos de estabilização ou de movimentação dos sentidos na história, baseados na compreensão dos procedimentos de construção de posições discursivas no universo midiático digital, objetivamos entender os processos de elaboração de memórias acerca da presença da mulher negra na literatura brasileira. Para tanto selecionamos como objeto de análise dois perfis biográficos da escritora Carolina Maria de Jesus.

A análise do material empírico está orientada pelos pressupostos da análise de discurso de linha francesa, amparados principalmente em Michel Pêcheux.

## Carolina Maria de Jesus: história e memória

Carolina Maria de Jesus nasceu negra e pobre em 1914 no interior de Minas Gerais. Foi escritora, empregada doméstica, auxiliar de enfermagem, artista de circo, mãe de três filhos, catadora de papel (Jesus, 1986). Semianalfabeta, registrava em cadernos encontrados no lixo suas experiências, seus contentamentos e descontentamentos, suas angústias e anseios. Sua escrita fez sucesso no meio literário, conquistando público no Brasil e em outros países.

Em 1958 o jornalista Audálio Dantas, ao fazer matéria sobre a expansão da favela do Canindé, descobriu Carolina. Incentivou a autora a continuar escrevendo e articulou a publicação dos textos dela. Em 1960 a Livraria Francisco Alves publicou *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. A obra foi um sucesso de vendas para os padrões da época. Posteriormente foi traduzida para diversas línguas e circulou em cerca de 40 países (Machado, 2006).

Tratar da presença da mulher na literatura é tema recorrente em estudos discursivos e literários.

<sup>1</sup> O filme *Narradores de Javé* (2003), da cineasta Eliane Café, é um exemplo de como a memória pode ser um espaço estratégico de luta e de como ela é articulada em conflitos materiais e simbólicos.

No entanto, diante do volume de publicações que temos nessa orientação, ainda são incipientes os estudos dedicados a entender como a variável gênero, associada à diferença étnica, se articula nesse contexto. Apesar de não ser esse o objeto central do nosso estudo, é preciso salientar que estamos tratando de uma mulher negra e escritora. Tal alerta se faz importante, pois nos auxilia a compreender como tais variáveis interferem na maneira como construímos o retrato da nossa história cultural e da nossa vida literária, elementos fundamentais na produção da nossa identificação como nação.

Alguns estudos (Machado, 2006; Miranda, 2011; Silva, 2008) auxiliam a entender quais são as principais interpretações sobre a obra e a trajetória de Carolina Maria de Jesus, e as posições nas quais a autora vem sendo inscrita no cenário das pesquisas sobre a história literária brasileira.

Miranda (2011, p. 17) afirma que:

(...) a literatura inscrita pelas mulheres negras brasileiras, em que uma subjetividade própria emerge, não foi incorporada ao conjunto das obras que formam o cânone, estando mantida à margem tanto dos referenciais de construção da autoimagem simbólica da nação quanto dos mecanismos de validação do conhecimento.

É necessário chamar a atenção para o fato de que esse espaço marginal/lizante, no qual esses sujeitos históricos estão inscritos, não é natural, mas existe com base em um conjunto de articulações que permite a sua criação. No caso de Carolina Maria de Jesus, a criação desse espaço de marginalização no qual ela e sua obra surgem inscritas começa a ser formulado na resistência inicial em qualificar seus escritos como literatura. Posteriormente, com o reconhecimento internacional da sua obra, essa resistência foi sendo reelaborada. A negação da qualidade da obra cede espaço para o enquadramento de Carolina como escritora marginal. Fala-se em uma estética marginalizada, em uma voz autêntica que em tudo consegue captar sua realidade e transcrevê-la para outros domínios. Isso indica a existência de movimentos sutis no processo de formulação dos sentidos, que, relacionados a certas condições específicas de produção, permitem a criação desse espaço marginal, no qual se inscrevem determinadas obras e sujeitos da história literária brasileira.

A criação desse espaço de marginalização opera discursivamente com base em uma estratégia que promove a ligação e a identificação direta entre o sujeito empírico e sua posição no discurso. Como aponta Miranda (2011, p. 20):

Desse modo, a presença da escritora Carolina Maria de Jesus, para além do lugar de marginalidade, ocupou o do incômodo, e a intersecção das opressões de raça, gênero e classe esteve tão amplamente presente na recepção da obra que o surgimento como escritora e imediato reconhecimento serviu para preencher uma lacuna grave entre aqueles que podiam falar no contexto da década de 1960: o valor da expressão escrita foi irremediavelmente relacionado ao fato de ela ser, a um só tempo, mulher, negra, mãe solteira, pobre, semianalfabeta, migrante, favelada, chefe de família e catadora de lixo, numa soma de fatores que legitimavam o discurso como a voz de denúncia da condição do oprimido.

Os escritos de Carolina foram enquadrados dentro da marginalidade que ela vivenciava como sujeito empírico, naturalizando essa posição no discurso. Esse é o esboço de uma primeira memória que circula acerca da trajetória da escritora, que a identifica como representante da fala dos marginalizados. Marginalização que é formulada discursivamente como espaço capaz de gerar reconhecimento estético à sua obra, ao mesmo tempo que instaura um determinado dispositivo de leitura para essa mesma obra, limitando suas possibilidades de interpretação.

Outro elemento importante para pensar tais questões, como aponta Silva (2008), é o distanciamento de Carolina em relação ao movimento negro da sua época. O autor (2008, p. 75) afirma: “Fica patente que os intelectuais e artistas negros desejavam tê-la como aliada nas lutas antirracistas. Mas esta adesão nunca se efetivou plenamente”. Em vida, a autora não enquadrou sua obra dentro dos desejos dos movimentos sociais. Tematizando problemas de grande importância social, como a pobreza, a situação do negro no Brasil, a má distribuição de renda, entre outros, *Quarto de despejo* teve pouca utilidade para determinadas lutas sociais.

Esse distanciamento de Carolina em relação ao movimento negro abre possibilidades para a existência de outras memórias sobre sua trajetória. Como aponta Silva (2008) a obra de Carolina não

ocupou espaço no campo da literatura hegemônica nem de uma literatura de contestação socialmente engajada; por isso, concordamos com o autor (2008, p. 79) quando afirma que podemos compreender a trajetória de Carolina na figura do *outsider*; daquele que não faz questão de pertencer. Mas discordamos quando Silva afirma que “o rótulo de literatura marginalizada talvez lhe seja mais adequado” (2008, p. 79), justamente por entender que a posição marginal que a obra de Carolina veio a ocupar é resultado de uma determinada configuração de forças que articulam redes de memórias e discursos sociais na direção de conter/localizar a obra nesse espaço, do marginal/lizado.

Depois de levantar as principais maneiras pelas quais a obra e a trajetória de Carolina é lembrada e significada, partimos agora para a análise do corpus discursivo selecionado.

### Nas margens da marginal

O primeiro perfil selecionado para análise está disponível no site Itaú Cultural, instituto privado de pesquisa, divulgação e fomento cultural e artístico. Esse perfil faz parte de um conjunto mais amplo de textos didáticos que discutem a presença do negro na sociedade e na história literária brasileira. Intitulado “Quilombo de palavras” esse conjunto de textos é composto por quatro sessões que discutem a possível existência de uma forma genuinamente negra de escrever e produzir literatura. Na segunda sessão encontra-se o perfil biográfico de Carolina — “Quilombo de palavras 2; As vozes da favela (ou nas margens da marginal)” —, que traz um relato da sua trajetória e debate o desenvolvimento do gênero literário de depoimento e testemunho a partir da sua obra.

No nível da enunciação, podemos entender que o quilombo, além de ser um espaço de resistência, foi historicamente um espaço remoto, distanciado, situado à margem. Construído pela comunidade negra para a organização da resistência ao regime escravocrata, o quilombo é aqui empregado como uma forma de identificar a origem étnica da escritora. Tal identificação arrasta consigo todo um conjunto de filiações a redes de memórias e ao interdiscurso que associa a figura de Carolina aos movimentos de resistência e contestação organizados pela comunidade negra brasileira.

No entanto, a construção dessas filiações discursivas se formula de maneira muito sutil, pois não são explícitas, mas emergem silenciadas. A negritude de Carolina é entendida a partir do emprego de signos que permitem o reconhecimento da comunidade negra no Brasil — a saber, o quilombo. Processo semelhante ocorre com a sua identificação como escritora, que está implicitamente presente em seu reconhecimento como uma voz da favela.

Favela, margens e marginal identificam a origem social e de classe da escritora, além de instaurar a perspectiva na qual sua trajetória será descrita — a da marginalidade/marginalização. A escrita como instrumento de expressão e a palavra como arma de luta só podem ser compreendidas se enquadradas dentro de um espaço definido; nesse caso, o enquadramento discursivamente elaborado para a obra e a trajetória de Carolina é o de marginalidade e contestação.

Discursivamente, esse perfil se posiciona de maneira a silenciar algumas singularidades da trajetória da autora, inscrevendo-a no interior de uma rede de memórias que absorve essa trajetória e a dilui. Esse funcionamento fica explícito no emprego do hiperlink.

No material analisado, o hiperlink atua discursivamente como uma tentativa de controle sobre as redes de filiações à memória. Ao estabelecer ligações diretas entre determinados termos e seus contextos de formulação ou sentidos indicados, os hiperlinks tentam controlar a livre associação ao interdiscurso, que é todo o conjunto de dizeres anteriores que afetam e influenciam a forma como o dizer atual produz sentido; ao mesmo tempo, buscam construir barreiras para a possível atualização do intradiscurso, o que é dito no momento atual. No nível interdiscursivo o hiperlink exerce uma força de contenção das possibilidades de interpretação da trajetória de Carolina, ou seja, atua de maneira a estabilizar uma determinada memória já existente a seu respeito. Como consequência, o intradiscurso encontra resistências para se atualizar e abrir novas possibilidades de interpretação e leitura da trajetória da escritora.

O hiperlink, afirma Possenti (2002), atua fornecendo pistas ao leitor sobre as informações de que ele precisaria para interpretar de maneira “correta” o texto. No material aqui analisado, os hiperlinks

fazem referência, na sua maioria, ao contexto revolucionário da década de 1960. Tal movimento trabalha na tentativa de tornar explícito aquilo que é pressuposto, implícito — imaginário memorizado (Achard, 1999). O contexto revolucionário da década de 1960, o feminismo e o socialismo são implícitos que esses hiperlinks explicitam como marcas importantes para a compreensão da obra de Carolina. Assim, num contexto mais amplo, filiam-se os escritos da autora a uma memória associada a resistências, revoluções e movimentos sociais de contestação, o que permite interpretar sua obra sob esse prisma, daquilo que se opõe, que surge e se formula no espaço do não hegemônico. Ao mesmo tempo, entretanto, existe um esforço em enquadrar essa suposta expressão contestadora do real num espaço marginalizado, próprio daquilo que está fora do que é predominante, tanto em relação ao modelo clássico da literatura, com suas temáticas privilegiadas, quanto da estética hegemônica, com a utilização da norma culta.

Assim, esse primeiro perfil posiciona-se discursivamente de maneira a diluir a memória da trajetória singular de Carolina numa memória preexistente, que absorve essa trajetória em um contexto mais amplo, gerando o apagamento de determinadas particularidades do percurso da autora e produzindo outros sentidos que permitem o seu enquadramento num espaço marginal. As estratégias presentes para sustentar tal funcionamento se explicitam na utilização do hiperlink como modo de exercer controle sobre a filiação a redes de memórias e na construção de uma correlação direta entre o posicionamento social da escritora e sua posição no discurso. Essa estratégia busca enquadrar as consequências do discurso de Carolina dentro dos limites das suas possibilidades como sujeito empírico. Como sabemos, em análise de discurso, posição discursiva e posição social nem sempre se identificam.

A interpretação e a memória que foi sendo construída e associada à trajetória da autora esforçaram-se sempre em criar uma identificação exata entre a sua realidade e a sua literatura. Esse funcionamento atua no sentido de perpetuar a interpretação descrita por Miranda (2011).

A escrita do negro só pode ser compreendida a partir da criação de um espaço de resistência que é também um espaço de marginalização. Resistên-

cia e marginalização são as duas faces de uma mesma moeda que identifica o negro estereotipado. Por isso, discursivamente, a compreensão da literatura que ele produz só se faz possível com o emprego dessas categorias de entendimento.

### Negro drama

O segundo perfil selecionado está disponível no site Mundo Negro, um portal de notícias direcionadas à comunidade negra brasileira. Intitulada “A história de Carolina de Jesus”, a matéria apresenta a trajetória da escritora, da conquista do sucesso à morte no esquecimento.

Os versos da letra de “Negro drama”, rap dos Racionais Mc’s: “Negro drama/ entre o sucesso e a lama/Dinheiro, problemas, inveja, luxo, fama” são utilizados como epígrafe da matéria. Essa epígrafe é a marca discursiva da forma como a trajetória de Carolina será lembrada e significada. O drama de viver entre o sucesso e a lama é trazido como forma de caracterizar a vida da escritora.

O rap — que vem das palavras em inglês para “ritmo e poesia” — é uma linguagem estética surgida no movimento hip hop, que engloba o rap, o grafite, o break e o disc jockey (DJ). De acordo com Zeni (2004), o hip hop tem origem norte-americana: surgiu no final da década de 1960, nas festas de rua frequentadas por jovens negros no Bronx, em Nova York. Ligado diretamente à luta dos negros pela conquista de direitos civis, o hip hop começou a se expandir pelo mundo em 1970.

Retomando o contexto e eventos específicos que caracterizam a história da população negra no mundo, empregando recursos estéticos criados por essa população, o perfil de Carolina presente no site Mundo Negro busca valorizar discursivamente as singularidades que a caracterizam.

O texto constrói um relato biográfico detalhado da trajetória da escritora. Permeado por referências ao universo dos negros no Brasil, o relato descreve vários eventos que atestam o sucesso das obras de Carolina e as honrarias que ela recebeu por isso. Apresenta também uma face dessa história não abordada no perfil do site Itaú Cultural. O grande sucesso alcançado por Carolina não se reverteu numa mudança significativa das suas condições. Envolvida em contratos editoriais de intenções duvidosas, a

autora, poucos anos após seu *best seller* ser publicado e traduzido para diversas línguas, retornou para o cotidiano de catadora de papel nas ruas.

Discursivamente há um esforço em demonstrar como a figura de Carolina pode ser representativa da história dos negros no Brasil — do negro drama. A trajetória da autora é significada a partir da importância que sua figura pode adquirir quando associada às lutas do movimento negro. A memória formulada para a trajetória da escritora cria um espaço realista no qual ela é enquadrada. Formula-se uma Carolina que deve ser lembrada principalmente pela capacidade de vencer as adversidades e conquistar posições de prestígio, mesmo que venha a sucumbir diante das dificuldades que essa nova posição impõe. Ambos os movimentos articulam-se discursivamente para justificar as causas da luta do movimento negro. O sucesso conquistado por Carolina explicita a possibilidade dos negros de obter reconhecimento por aquilo que lhes é genuíno, ocupando novos espaços na esfera pública e contribuindo para a formação da cultura brasileira. Essa memória que se formula sobre Carolina cria também uma personagem para o autorreconhecimento positivo da negritude. Não mais o negro estereotipado, o bandido ou marginal que aparece mais frequentemente no espaço público, tornando-se uma espécie de modelo que serve para o julgamento indistinto de todo e qualquer cidadão negro, mas sim o negro que, mesmo pobre e analfabeto, pode contribuir para a construção da identidade e da cultura nacional.

O “fracasso” e o esquecimento que Carolina amarga no final da vida, quando lembrado, explicita toda a ordem de dificuldades e contratempos que os negros, os pobres, as mulheres e os analfabetos ou semialfabetizados enfrentam para conquistar espaço numa sociedade preconceituosa, segregacionista e excludente.

Ao construir a memória de Carolina como uma personagem que dá voz a essas determinações, o perfil do portal mundo negro se posiciona de maneira a enquadrar a voz de Carolina num espaço determinado. É sim o espaço do marginal/lizado, mas de uma marginalização desnaturalizada que torna visíveis as articulações, as dinâmicas e os acontecimentos que levaram Carolina a ser colocada numa posição de marginalidade. É uma voz que fala a partir da posição do marginalizado, que vivencia as

dificuldades dessa condição e que por isso mesmo não pode ser compreendida única e exclusivamente dessa perspectiva. Carolina vivencia a marginalidade e fala sobre ela, criando uma linguagem e uma representação estética para essa condição, e é por isso que não cabe enquadrar a sua obra nesse espaço, pois ela o ultrapassa.

Nesse perfil, discursivamente falando, a memória que se produz sobre a trajetória de Carolina busca expressar a sua singularidade, explicitando o fato de que a condição de marginalização não é natural, mas sim socialmente elaborada e discursivamente produzida. A trajetória de Carolina é inscrita dentro de uma memória preexistente mas não se dilui, não se perde nessa memória; ao contrário, é incorporada, como forma de fortalecer os princípios próprios de sustentação dessa memória, justificando suas causas.

Baseados nessas análises podemos fazer alguns apontamentos acerca da maneira como a memória é produzida e posta em circulação no espaço midiático digital. Em termos discursivos é possível afirmar que a formulação de memórias se processa dentro de jogos de poder específicos. Há um embate necessário de forças que estruturam a produção da memória. Esse embate não é necessariamente uma luta entre pontos opostos e excludentes, mas sim um conflito constitutivo; diz respeito ao fato de que o sentido que uma memória possui se produz dentro de relações materiais específicas. Esse conflito pode assumir dinâmicas diversas, e nas análises aqui empreendidas é marcante o fato de que tais dinâmicas organizam-se em torno da inscrição da memória no interior de redes de sentido capazes de colocar os sujeitos e as coisas em posições materiais e simbólicas definidas. Esse movimento funciona discursivamente como forma de legitimar os argumentos utilizados em lutas e embates materiais e simbólicos.

No primeiro perfil analisado temos a construção de barreiras que impedem a produção de novas memórias e a diluição da memória formulada numa rede de outras memórias preexistentes. Aqui a memória se estrutura pela invisibilidade, por aquilo que é posto em silêncio, e o conflito reside justamente nesse espaço, onde se negocia aquilo que se tornará visível e o que funcionará discursivamente a partir da invisibilidade. É essa articulação entre silêncios e invisibilidades que permite a elaboração do espaço

de marginalização no qual a trajetória de Carolina é inscrita e pelo qual ela é lembrada.

No segundo perfil a memória de Carolina é incorporada dentro de uma rede de sentidos que trabalha pela reconstrução da história dos negros e pela elaboração de uma autoimagem positiva para essa população. Carolina é lembrada a partir daquilo que sua história representa e expressa, daquilo que ela é capaz de dizer a respeito das condições sociais a que os negros estavam submetidos. Além disso, esse perfil formula uma memória do “nós”, da comunidade negra. Isso se opõe diretamente às memórias formuladas a partir da distinção entre o “nós” e o “eles”.

A diferença discursiva fundamental entre os dois perfis reside na forma como cada um deles articula a memória de Carolina. No primeiro, como vimos, há um claro esforço em conter as possibilidades de interpretação da obra e da trajetória da escritora dentro das suas possibilidades como sujeito empírico, naturalizando sua memória. No segundo o esforço é empregado na direção contrária, da desnaturalização da memória e a consequente extrapolação do sujeito empírico Carolina Maria de Jesus, que passa a dar voz e expressão para todo um conjunto de questões.

### Considerações finais

Ao identificar esse funcionamento discursivo fazemos eco às afirmações de Pêcheux (1999), de que a memória pode constituir um espaço de lutas e conflitos em que diferentes atores políticos se articulam na produção da legitimidade e na justificativa de suas práticas e ações. No caso desse estudo, tal conflito está diretamente relacionado à maneira como construímos o retrato da nossa história cultural e da nossa vida literária, elementos fundamentais na produção da nossa identificação como nação. Ao utilizar o contexto social do autor como única fonte de explicação de sua obra, o discurso produz uma limitação para a construção de outras memórias possíveis. Há um esforço enorme em associar a obra da autora com as ideias de marginalizado e de marginalização; justificadas pela posição social de Carolina, tais ideias tornariam natural essa ligação. No entanto, outros exemplos da literatura nacional podem servir de ilustração comparativa. Refiro-me

ao caso de Ana Cristina César, poeta que também produziu uma literatura considerada, no seu início, como marginal. Não seguia o cânone, não compactuava com a estética existente, não fazia parte da indústria literária. Após certo tempo, a publicação de seu trabalho em algumas coletâneas fez com que a sua qualificação fosse reelaborada; ela passou a ser considerada uma expoente da literatura nacional, começou a fazer parte do cânone, a ser publicada e reeditada, e possui lugar cativo na memória literária brasileira. Há até mesmo instituições que se dedicam à preservação do acervo e à perpetuação da obra de Ana Cristina.

Mulher, branca, alfabetizada, classe média, ela é só um caso que nos auxilia a entender que a filiação a determinadas redes de memória nunca é aleatória. Que existem processos discursivos trabalhando de maneira a produzir determinados sentidos e a estabilizar certas afirmações, terminando por gerar retratos sobre a memória nacional que deixam de fora do seu enquadramento aquilo que não pode aparecer, ou que só é permitido aparecer quando ocupa o seu “devido lugar”. O que nos leva a entender que, como aponta Pêcheux (2008), todo discurso é dependente das redes de memória às quais se filia e dos trajetos sociais nos quais se insere ou é/está inserido.

### Referências bibliográficas

- ACHARD, P. (Org.). **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.
- ARAÚJO, M. C. Considerações sobre o conceito de identidade social. **Cadernos METEP UEM**, v. 9, n. 8, p. 191-218, 1997.
- Itaú Cultural. **Quilombo das Palavras**. Disponível em: <[http://www.itaucultural.org.br/brasil\\_brasis/negro/sessao02.htm](http://www.itaucultural.org.br/brasil_brasis/negro/sessao02.htm)> Acesso em: 15 de dezembro de 2012.
- JESUS, C. M. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 3 ed. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1960.
- MACHADO, M. N. M. Os escritos de Carolina Maria de Jesus: determinações e imaginários. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 2, n.18, p. 105-110, 2006.
- MIRANDA, F. R. O campo literário afro-brasileiro e a recepção de Carolina Maria de Jesus. **Revista Estação Literária**, v. 8, n. A, p. 15-24, 2011.

Mundo Negro. **A história de Carolina Maria de Jesus**. Disponível em: <<http://www.mundonegro.com.br/portal/2012/03/a-historia-de-carolina-de-jesus/>> Acesso em: 15 de Dezembro de 2012.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2000.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 4 ed. Campinas: Edunicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 5 ed. Campinas: Pontes, 2008.

\_\_\_\_\_. Papel da memória. In: ACHARD, P. (Org.). **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

\_\_\_\_\_. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POSSENTI, S. Notas um pouco céticas sobre hipertexto e construção de sentido. **Educar em Revista**, v. 20, n. 1, p. 59-75, 2002.

SILVA, J. C. G. Carolina Maria de Jesus e os discursos da negritude: literatura afro-brasileira, jornais negros e vozes marginalizadas. **Revista História & Perspectiva**, v. 1, n. 39, p. 59-88, 2008.

ZENI, B. O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva. **Estudos Avançados**, v.18, n. 50, p. 225-241, 2004.

Data de Submissão: 18/01/2013

Data de Aprovação: 02/07/2013